

**MARIA RITA**

SEMANARIO HUMORISTICO

Procepção Illustrada de  
**ARNALDO LEITE**  
**CARVALHO BARBOSA**  
**JOSÉ DE ARTIMANHA**

Director Artístico e Secretário da Redacção  
**OCTAVIO SÉRGIO**

SEXTAVO  
 25A 4, III



# ABSTINÊNCIAS



OCTAVIO SÉRGIO

— Compadre: é preciso que nos regeneremos...  
 — Ora, para quê? — os abstinentes também contam...

Propriedade da Empresa do Magazine «Civilização» L.<sup>da</sup>

Redacção e Administração,  
Rua do Almada, 107-2.º  
Telefone, 1819—PORTO

Composto e impresso na  
Imprensa Portuguesa,  
::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO



Directores literários:

Arnaldo Leite, Carvalho Barboza e José de Artimanha

Director artístico e secretário da redacção:

Octávio Sérgio

Condições de assinatura:

**Continente e Ilhas**

Ano . . . . . 45\$00  
Semestre . . . . . 24\$00

**Colónias**

Ano . . . . . 50\$00  
Registado . . . . . 70\$00

**Estrangeiro**

Ano . . . . . 60\$00  
Registado . . . . . 100\$00

Número avulso 1 escudo

Anúncios: Preços convencionais

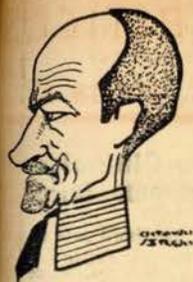
# VERMOUTH MARTINI



Ex.<sup>mos</sup> Senhores:

**O CÉLEBRE VERMOUTH MARTINI**  
acaba de chegar ao **PORTO**

Peça em tôda a parte um **MARTINI**  
O melhor aperitivo ♦ Cálice esc. 1\$50



# Factos e prestações

## Crónica anacrónica

A-pesar-da declaração de neutralidade, feita pela MARIA RITA, na luta entre Espinho e a Vila da Feira, houve um periódico desta última localidade que transcreveu, de uma das minhas passadas crónicas, aquela em que eu me permiti bordar algumas *blagues* risonhas acerca da questão.

Este semanário agradece sempre as *coupures* que de ele façam, porque nisso consiste um grande elemento de reclamo. Não pode, portanto, querer mal ao *Democrata Feirense*, nem verberar-lhe que puxe com mão alheia a brasa para a sua sardinha. Está no seu papel de propugnador dos interesses da terra onde vê a luz da publicidade. Lamenta apenas que a transcrição de essa crónica fossem jungidas algumas anotações que, embora da responsabilidade da Redacção, podem emprestar-lhe uma finalidade tendenciosa, tanto mais que nem todas correspondem à verdade.

Assim, por exemplo, afirma-se numa de suas que o último censo oficial não dá a Espinho mais que 3:701 vizinhos de residência habitual. Provado está, por documentos autênticos publicados na imprensa periódica — entre os quais uma certidão passada pela repartição respectiva — que se tratou de um erro tipográfico e que a população de facto do aglomerado espinhense vai bastante acima de 7:000. Não admira, portanto, que no verão, com a afluência de banhistas e forasteiros de vários géneros, a sua população atinja algumas dezenas de milhar.

«Grande cidade», como escreveu, com entusiasmo exagêro, o meu velho amigo Armando Boaventura? Não, evidentemente. Mas uma terra de população superior à de muitas cidades do país, — já que houve um tempo em que se entrou no delírio de criar cidades *à tort et à travers*. Podemos dizer, com justiça e verdade, que é uma grande vila. E temos de confessar que o *alecrim* da nossa passada crónica se desenvolveu por tal forma nos últimos quarenta anos, que deu de si um arbusto vicejante e copado, capaz de fazer sombra... à própria Feira. E isto de fazer sombra a uma Feira não está nas possibilidades de qualquer planta raquítica.

Por outro lado, é inegável que Espinho se tem tornado, pouco a pouco, um importante centro comercial e industrial. Possui quasi meio cento de fábricas, quinze hotéis e casas de pensão, três colégios, mais de três centenas de estabelecimentos de comércio, e entra nos cofres do estado com alguns milhares de contos anuais. Trata-se, evidentemente, de uma povoação importante, cujo valor social explica a criação do concelho e o desejo de ser cabeça de comarca.

No artigo de onde extrai os dados acima expressos, afirma-se que Espinho não deseja estabelecer termos de comparação com a Vila da Feira, embora de esse confronto saísse vencedor

em toda a linha. Tal não farei eu também. Basta-me encerrar em absoluto o grande povoado ribeirinho para afirmar que ele é, com efeito, digno de uma comarca privativa.

Sòmente... será agora ocasião de isso, quando, no intuito de redução de despesas, outras duas que na sua área vieram a estabelecer-se, e se viu subitamente defraudada em favor das mais recentes, não terá motivo para se lastimar, e arrastar os olhos de justificada inveja, quando vir um tribunal em Espinho, com os respectivos funcionários? Mais motivo, certamente, do que a Vila da Feira, cuja comarca passa por ser uma das primeiras do país e não se há de ver muito cercada nos seus interesses com a fuga de meia dúzia de freguesias.

De resto, é a ordem natural das coisas. Quando um filho se desenvolve, e atinge a maioridade, e se instala na existência, que remédio há senão dar-lhe a autonomia, para que viva sobre si e prospere à custa do próprio esforço? Foi assim, sob o império de esta lei inexorável, que nós perdemos o Brasil, que a Espanha perdeu o

### Nem tudo o que se escreve é certo



*Prova-o escandalosamente a fotografia acima, que foi tirada ao nosso director artístico momentos antes de dar entrada no leito.*

*O que nos valerá é que ele nem por sombras desconfia que houve alguém capaz de o apanhar de joelhos.*

seu enorme domínio colonial, e que a Inglaterra há de perder o seu, — já ligado apenas à pátria-mãe por um ligeiro e tenuíssimo fio.

E o grande caso é que nem Portugal, nem a Espanha, nem a Inglaterra sofreram prejuizos com a separação. Ao contrário: lucraram. Quem sabe se, na questão em litígio, não aconteceria o mesmo à Vila da Feira?

Basta de coisas sérias. Os senhores viram que a colheita do café brasileiro excede este ano em 30 % a do ano anterior?

Ora, ano passado, o governo do Rio mandou atulhar de café os porões de vários navios, encarregados de irem despejá-lo no alto mar; fêz *briquettes* com ele, arranjando assim um novo combustível; misturando-o com cimento obteve paralelepípedos que calçaram as ruas; e o que, a despeito de tudo, sobejou, foi queimado nos campos, em piras gigantescas.

Que diabo fará agora o senhor Getúlio aos trinta por cento com que a Providência, sempre impiedosa, vem sobrecarregar ainda o inesgotável stock? Talvez dinheiro, — moedas mais leves e menos sujas do que os tostões e os mil reis que por lá circulam.

Seria esta uma bela maneira de pagar aos credores estrangeiros, que, coitados, andam por aí a morrer de fome. Ao menos, ficavam com o pequeno almôço garantido.

Informa um jornal de Chicago que num museu da mesma existe um pão de trigo que data de três-mil-e-quarenta anos. Está duríssimo — assevera o periódico. Outro dia, um cavalleiro que tentou mordê-lo, partiu dois dentes.

O nosso tipo — único não terá a mesma idade, mas apresenta a mesma consistência. O cavalleiro que venha até Portugal, e verá que não estraga só os dentes. Também o estômago, — se não for mais longe a devastação do aparelho digestivo.

Marcial JORDÃO.

### Dr. Carlos Santos

De este ilustre escritor, consagrado autor do «Como eu vi a Espanha» recebemos uma extensa carta, sem pedido de publicação, a qual não publicamos hoje por falta de espaço o que faremos no próximo número.

## Balancete da semana

Li num jornal que o inclito doutor José Alfredo Mendes Magalhães, que é ilustre professor e ganhou fama como protector das crianças e das mãis, percorreu na manhã do plebiscito diversas assembleias de espavento, sem encontrar o nome seu inscrito nos cadernos de tal Recenseamento. E eu disse então comigo: — «Querem ver que algum recenseador torpe e sinistro cortou um homem que já foi ministro fundado em que êle não sabia ler?» Porque tudo é possível, de tal jeito, neste país em que o critério estreito reina e viceja a par do Contrassenso, e onde se rouba às vezes um direito como quem rouba um lenço. Afinal, não se dera essa incoerência: o sábio professor, cujos disvelos ergueram uma obra de assistência que é um mixto de altruísmo e de ciência, 'stava recenseado em Massarelos. Mas soube-o só depois, tardiamente; e é bem de ver, assim, que não pode entregar ao presidente o quarto de papel do boletim. Resta-lhe apenas a consolação de que os esforços todos envidou, e de que, sem votar, sempre votou a nova e triunfal Constituição.

\*

Lá no império alemão — inda república por obra e graça das nações aliadas — Hitler, amo e senhor da coisa pública, governa a murro, a tiro, e às chanfalhadas. Qual se comesse coração de fera, mostra-se levado dos demónios, tirando a autonomia à Baviera e espezinhando os pobres dos saxónios. Tudo isto porque tem ao seu dispor milhares de fusis e de alabardas, e a grande legião, que faz terror, dos tais «camisas pardas». Cautela, chanceler! A tirania quási sempre desaba com fragor, e podem as camisas, certo dia, mudar-se em calças... mas da mesma côr.

\*

O médico Albiñana, desterrado, 'screveu uma poesia que dedicou ao general Sanjurjo, caudilho e defensor da monarquia. Recorto esta fatia.

*En la lucha marroqui  
pusiste nobles empeños;  
pero olvidaste que aquí  
hay que luchar como allí  
com cabilas de rifeños.*

Assim, no seu desterro cenobítico, o acaricia a musa castelhana. E, sem ter pretensões a grande crítico, eu confesso que o médico Albiñana é melhor trovador do que político...

Pousa aqui... pousa ali...

## Teatradas e Cinemices O que vai cá pelo Burgo

O Pôrto tem sido um Brasil para a gente de teatro.

A cidade da broa e dos socos, dos de *Ré-maurde* e *Campanhão*, os Vicentes de Paranhos e os Pintasilgos de Ponte de Lima, num gesto de superior espírito e de carinhosa benemerência, pagam as alfinetadas injustas com um sorriso acolhedor, esportulando os cobres e aplaudindo com calor os simpáticos artistas que só se lembram do Pôrto quando a alface murcha e não há dinheiro para *cravão*, nem nada para pôr em cima da *menza*.

Três teatros a funcionar e todos com concorrência compensadora! Viva o Pôrto... enquanto pingar!

Secando a fonte, voltam a aparecer os elogios aos homens dos magnésios.

...E desculpa, ó Caetano!

## No teatro do amigo Pires Fernandes

O Rivoli, onde a elegância do Erico Chevalier dá as cartas e faz cartaz, com o terceto de arte Lucília-Aura e Maria Helena, teve durante a exploração, *chance* da boa, traduzida em cobres que vieram endireitar um pouco as finanças que vinham avariadas de Lisboa.

O «Feitiço» enfeitou o público. A filha da saudável Lucinda, a filha da grande Adelina e a filha da insigne Maria Matos — três filhas da Mãe de alto lá com elas — souberam deliciar o povo do Pôrto com um trabalho honesto e consciencioso. «A língua das mulheres» também agradeceu muito aos homens. Menos ao Cunha da Raza.

Esse, no dia da primeira, disse para quem o quis ouvir: — Fazem tantos elogios à «Língua das Mulheres», que bem se vê que não conhecem a língua dos homens.

## Um feixe das boas ...E vão três!

Está a fugir-nos a luz dos olhos da Satanela!

No número brasileiro do «Você viu? Você gostou?» dá vontade de lhe dizer: — Ver, tôda a gente viu. Agora, gostar... Como se há de gostar duma coisa que se não prova?

*Sape-gato* lambareiro tira a mão do açucareiro!...

A gloriosa vedeta vai fazer uma tournée, começando por Caide qualquer forma até Amarrante de qualquer maneira.

\*

Estreou-se a Companhia Espanhola no Rivoli.

O amigo Pires Fernandes, depois da *língua das mulheres* não será de mais as *Faldas das espanholas*?

\*

Estão a organizar-se setecentas-e-quarenta-e-cinco Companhias para virem explorar o Pôrto na próxima época de inverno.

Falta saber se êle se deixará explorar!

NAS

Galerias Lafayette

— da RUA FORMOSA — PORTO —

todos os artigos  
teem um cunho  
parisiense inexcelável

AUX GALERIES LAFAYETTE

# RENDEZ-VOUS DOIRADO

Respondendo... ao amigo "Pirilau"

por Júlio de Nantes

No hall do «Magestic Hotel», Maples. Panos de Arras. Faianças alsacianas. A luz doirada de um pôr de sol outonal salpica o ambiente, através dos pequeninos retângulos de cristal do vetusto guarda-vento. Sentado num maple amarelo, um rapaz de quarenta anos, pálido, faux maigre, boca de recorte vicentino, lábios cõr de cereja valenciana, parece esperar alguém. Torce as luvas, com nervosismo. Soam seis badaladas no relógio da mairie. Cinco minutos depois, entra uma rapariga, esguia, nariz aquilino, luvas de pele de Suéde, pequeno véu a tapar a testa alta, sapatos de camurça cinzenta com um finíssimo debrum de otro. O porteiro perfila-se, o chasseur revira os olhotos, e o maître d'hôtel não está, saú. Ninguém mais naquele confortável hall.

A-pesar-de bom artista,  
O meu caricaturista  
Não foi feliz, desta vez;  
Porém aqui não o mordo,  
Porque não me viu mais gordo  
— E, por isso, muito fêz.

Mas o caso extraordinário  
É que, de ti ao contrário,  
(P'lo menos, assim o acho)  
Todos viram que era eu,  
Pois o tal modelo meu  
Trazia... o nome por baixo!

Adriano X. NEL.

## Soneto ingénuo

Quando d'amor hidrópico nas veias  
O sangue me lutava e me fervia  
Das pequenas após, veloz, corria  
Fôssem boas ou más, gentis ou feias.

Mil jantares perdi, perdi mil ceias  
Que eu era só d'amor, d'amor vivia  
E d'amor no exercício noite e dia  
Vasava as bólsas, de escritinhos cheias.

De gozar altos dons tive a ventura  
E das madres até lambi sem conto  
Açucarada, languida ternura.

Hoje em vez de gozar, gemo e desconto  
E em vez d'amor olhando a sepultura  
Meus antigos troféus folheio e conto.

O artilheiro de 1836.

## "AQUILO QUE NÓS SABEMOS"

Sôbre o mote da semana passada,  
recebemos as seguintes glosas que publi-  
camos gostosamente:

Como o Sr. Carlos Santos vê o Pôrto.

É tão imundo este Pôrto!  
(Palavrões, panelas rotas...)  
Escorreguei em tanto escarro  
Que dei cabo d'umas botas.

Pindérica.

Na festa da Agonia  
A valsar c'umas minhotas  
Dancei tanto, tanto, tanto...  
Que dei cabo d'umas botas!

Aldeão.

ELA — Ah, meu amigo!... Demo-  
rei-me?

ÊLE — Não, foi pontual...

ELA — Não devia ter vindo. Mas você  
foi tão meigo ao telefone...

ÊLE — Beijo-lhe as mãos...

ELA — Não faça isso... Pode tirar  
o rouge dos seus lindos lábios... Vim  
porque não quis morrer de spleen, em  
casa... Uf!... Minha tia é de uma  
tirania atroz.

ÊLE — Sua tia é feliz...

ELA — Porquê?

ÊLE — Porque a vê todos os dias,  
porque...

ELA (sacudindo os ombros) — Ora!

ÊLE — Não percebo... Porquê essas  
maneiras sacudidas?

ELA — Não seja hipócrita. O senhor  
não pode esconder que já percebeu a  
minha simpatia por si... E se tomás-  
semos um cocktail?

ÊLE — Um «Quelques liqueurs»?

ELA — Prefiro um «Oporto's Miscel-  
lany». (A um criado de libré impecável,  
que se aproxima) Dois «Oporto's Mis-  
cellanies».

ÊLE — Perdão. Eu tomo Burjacas.

ELA (enquanto o criado sai) — Quê?...  
Nem, ao menos, um Borges, um Fer-  
reirinha, um Cãem?!...

ÊLE — Nada. Gosto mais do tinto.  
É canaille... (Tem uma tontura) Eu...

ELA — Está doente? Que tem?

ÊLE — Uma pequena migraine.

ELA (puxando de uma cigarreira  
«mignonne») — Fuma?

ÊLE — Não. Faz-me mal.

ELA (mordendo um «bout doré») —  
Quere um pouco de flor de laranja?...

ÊLE — O que eu quero é uma palavra  
sua... Porque não descalça as luvas?

ELA (descalçando as luvas) — Aqui  
tem. Pode beijar, à vontade.

ÊLE — Então, a senhora ama-me?

ELA — Beije as mãos e deixe-se de  
preguntas tôlas!

ÊLE — Sou eu o primeiro homem que  
beija estas lindas mãos!

ELA (num «frisson») — Não.

ÊLE — Ah!...

ELA — Não faça essa careta! (Ri, ner-  
vosa) Se soubesse como está ridículo!...

ÊLE (insistindo) — Quantos homens?

ELA — Um: — meu marido.

ÊLE — E' casada!...

ELA — Em vésperas de ser divor-  
ciada...

ÊLE (com delírio) — Deixe-me beijar  
mais essas pequeninas mãos...

ELA — Não seja tão impetuoso. Está  
ali o porteiro a olhar para nós.

ÊLE — Não está. Ou, por outra, finge  
que não está... (para o criado que se  
aproxima trazendo as bebidas pedidas).

Já não quero Burjacas... Traz, antes,  
Cointreau (Lambendo os beiços) Tam-  
bém, não... Prefiro Kummel. (Para Ela,  
muito meigo) Kummel...

O resto do diálogo perde-se, no  
brouhaha dos hóspedes que chegam  
para o jantar...

(Pela cópia) Sá CRISTÃO.



# BARROS



## VINHOS DO PORTO

DE

## QUALIDADE SUPERIOR

**Atalho** — Caminho conhecido pelos políticos e namorados.

**Atrapalhar** — Descompor e barafustar na falta de argumentos lógicos e justos.

**Atropelar** — Função dos cavaleiros, tolos e *chouffeurs*.

**Atenção** — Cortezia dispensada pelos empregados públicos como própria dos carroceiros.

**Aturar** — O processo de gozar a paz doméstica.

**Aurora** — Uma das maravilhas da natureza quando gozada num jardim.

**Autor** — Título literário do que assina o trabalho alheio.

**Autoridade** — Especifico dourado que substitui o landreiro e o chicote.

**Autômato** — O contribuinte quando paga os impostos.

**Avaliar** — Adivinhar a MARIA RITA aquilo que eu sei de sobejo.

**Avária** — Prejuízo causado à minha pequena... a pagar pelo Código Penal.

**Avença** — Contrato em que ganham as duas partes, quando não perde uma.

**Aventureiro** — Homem notável se sabe ser plácido e ter a bolsa recheada.

**Avesso** — O lado melhor que o direito, segundo alguns especialistas.

**Avós** — Utensílios de aparato para os filhos... depois incógnitos.

**Axioma** — O valor que cada um consigna à opinião própria.

**Azeite** — O líquido resultante da espremedela do contribuinte e do freguês.

**Babão** — O que nunca vê os decotes e os sorrisos destinados aos outros.

**Baco** — Mestre de línguas e de eloquência.

**Badalo** — A alegria dos sertões e a tristeza das cidades.

**Bacharel** — O animal mais estúpido de Portugal.

**Baile** — Função em que todos deliram de gozo.

**Bainha** — Com a espada lá metida é que muitos generais são vencedores e valentes.

**Bálsamo** — A contemplação noturna da donzela da Avenida para o sexo forte, a dos pilatos purpurinos para o sexo fraco.

**Baluarte** (de honestidade) — A MARIA RITA.

**Banana** — Fruta higiênica para acalmar corações ardentes.

**Bancarrota** — Prova de honradez das empresas comerciais e industriais.

**Banco** — Casa de segurança para o nosso dinheiro passar dignamente a outras mãos.

**Banhos** (de mar) — O paraíso das almas cândidas, da harmonia natural dos sexos. Vitalizador das forças caídas, superior ao Ferro-Quinol etc., etc.

**Baralho** — A bíblia dos vândios e pobres de espírito.

**Barbaro** (facto) — A exibição de tanta fruta boa pelas ruas. Trincadela proibida pela polícia.

**Baioneta** — Arma branca, freqüentemente perigosa.

**Beata** — No que se converte a mulher quando passa a achá-las verdes.

**Bebedeira** — Intoxicação de vinho ou de amor ou de letras. Desta é típica a do «Ecos de Cacia».

**Beijos** — Os melhores esquentadores de inverno. Esplêndidos aperitivos para comida suculenta.

**Benefício** — Processo de arranjar inimigos.

**Bestas** — Todos os portugueses, menos o sr. Leonardo Coimbra.

**Bichas** — Dizem que as há de sete cabeças. Com estas já não pode a MARIA RITA.

**Bilhetes** (de visita) — Saudades de quem ficou satisfeito por não nos achar em casa.

**Boa-fé** — Actualmente é mercadoria de contrabando. Foi virtude prehistórica, com licença do Dr. Mendes Correia.

**Boi** — O melhor dos amigos etc., etc. . .

**Botica** — Laboratório de transformar o bom dinheiro dos fregueses em más drogas do formulário.

**Braço** — Prova de puro sangue azul e vermelho às riscas, reputado como extra-fino.

**Breviário** (de amor) — O próximo livro de Mademoiselle Manhã.

**Briancar** — Entrar em casa do parceiro ou da parceira com o riso nos lábios.

**Brindar** — Este verbo vale muito quando significa dar. Não vale nada quando significa beber à saúde do nosso padrep.

**Bruxa** — Mulher que chupa sangue e leite.

**Burra** — O que a MARIA RITA precisa de arranjar para a velhice. A amiga do Dr. Jacinto Magalhães.

(Continua).

O Artilheiro de 1836.

## Ramalhete

Se tóda a gente pensasse,  
Era certo, era certo,  
Não havia casamentos,  
Ficava tudo solteiro.

Da janela do meu quarto  
Vejo-te às vezes passar;  
Confesso que tenho pena  
De morar num quarto andar.

Pediste novo vestido,  
Eu fingi que não ouvi;  
Não se pode, é já sabido,  
'Star a gente ao pé de ti.

Definir a teimosia  
E' coisa que faz qualquer,  
Basta p'ra isso mostrar  
Sem escolha, uma mulher.

Numa loja de penhores  
Fui caucionar nosso amor,  
Quando falei no teu nome,  
Disseram não ter valor.

Eu vejo-te bem de perto,  
E noto dia p'ra dia,  
No teu rosto semelhanças  
Com porta de drogaria.

LÉRIAS.

## Quadras... mal quadradas

*Na vida duma mulher  
Há sempre um homem que passa...*

— Mas se ela o perturbar  
E se elle não tiver «massa»?

*Se aquilo que a gente sente  
Cá dentro, tivesse voz...*

— Quasi sempre o marmeleiro  
Andava em cima de nós.

*Tenho um degrau no meu leito  
Que é feito p'ra ti somente...*

— Porque é que quando eu saio  
Entra outro, de repente?

*E' um regalo na vida  
A' beira d'água morar...*

— Não vejo grande vantagem,  
A não ser p'ra os pés lavar.

*Cantigas leva-as o vento,  
Leve o diabo paixões...*

— Mas também leva outras coisas  
Quando se come feijões.

(Gaia).

SEPOL.

Está, desde já, provadíssimo que esta secção, como tudo o que afinal no veio de cacia, caiu no goto de todos.

Com isso folgamos, e por isso comunicamos aos interessados que desde o próximo número passará a mesma secção a ser semanalmente publicada.

Além dessa, alargaremos a sua espera de acção até às charadas *sinopadas* e aos enigmas figuradas, desde que, em umas e outras sejam observadas as negras que o nosso último número inseriu.

*A-pesar e através de todo sempre cacias.*

## Retificando...

Não achei nada acertada  
A inclusão no «Aqui jaz»,  
Duma quadra em que eu visava  
Esse teu duelo audaz.

E' que tu, MARIA RITA,  
Morreste e ressuscitaste  
E, como a morte é uma fita,  
Não mais morrer tu juraste.

Falta agora o tal «jornal»  
Formidável, colossal,  
Que lá por Cacia corre;

Teremos, infelizmente,  
Que o aturar eternamente,  
Pois o que é mau nunca morre...

Elmano OTREBLA.

## Posta restante

*Pedro de Bourbon* — E' sempre feita a modestia. Quem não é poeta não verseja assim. Mande mais e sempre.

*Folhadela* — A MARIA RITA curva-se respeitadamente e levanta o reposteiro para lhe dar passagem. Entre, faz favor.

*Quim Grande* — A MARIA RITA a quem promete não falta, pode ficar certo disso. Daria pouco, mas dá. Venha a nós o vosso original.

*Octávia Maria* — A' sua disposição estão os 20.000 escudos com que foi — e muito bem — contemplada. Queira passar por esta sua casa. Darnos-á grato prazer se fór das 6 e meia às 7 e meia. E' sempre agradável conhecer os amigos. Além disso já tem direito a um jantar.

*A. P. Pereira* — Coimbra — Bem sabe que a culpa não foi nossa. Mandaremos outro número. Isto só prova que até os carteiros gostam da MARIA RITA.

*Fernando J. Rodrigues da Silva* — Para nós nos vemos obrigados a recusar-lhe guarida — porque o não merece — é favor passar a mandar o original escrito, duma banda, duma banda só. Pode o papel ser pior que nos não importa. Assim é que nos dá muito trabalho.

*Olegna* — Desde já a sua disposição. Queira dizer se o quer em cheque ou em carta registada. Não faltamos. Quem fala é Zé d'Artimãna. Tem-se esquecido de nós?

*A. B. C.* — Cacia — Obrigadíssimo. Vão seguir 5 números. Não devolva nenhum. Os que não vender, dê-os, por favor. Ensinar os ignorantes é uma obra de misericórdia.

*Artilheiro de 1836* — Que é feito de si? Já gastamos tudo o que nos mandou.

# DESCANSO SEMANAL

## Anúncios por palavras malucas

Vamos dar hoje aos nossos leitores uma batelada de anúncios, quasi nos abstendo de comentários para não lhes tirar o sabor.

Só de um número do conspícuo

### "Diário de Notícias"

recortamos os seguintes:

#### Cavalheiro

*PROPRIETARIO e algum capital, sem familia, digno consorciar-se-ia com senhora honesta e com meios de vida, pode ser da provincia, de 37 a 40 anos, perfeita, não divorciada. Carta a este jornal até ao dia 8 ao n.º 136.*

Perfeitinha, hein? Bem de-certo, ver para crer como o S. Tomé.

#### Senhora

*SENHORA respeitavel, portuguesa, de 40 anos, independente, desejaría relacionar-se com outra senhora em iguais circunstancias para passeio e teatros pagando cada uma a sua parte. Pode ser senhora portuguesa, francesa ou inglesa. Fala-se estas duas linguas, também. Carta ao n.º 180. L. S. Roque, 10.*

Ora aí está uma senhora que em antes de se relacionar com a que requisita pelo anúncio, seria o ideal das mulheres! E' a única em Portugal que não tem um único conhecimento. E económica:...

#### R...

*DESAPARECESTE ha um ano! Vejo-te mas foges. Ultima vez domingo C. P. Vai domingo t. C. E. Carmen...*

Então se elle desapareceu, como é que ela o vê?

#### P. P.

*QUARTA-FEIRA, 23, espreme.—C. P.*

Mas espreme o quê? os P. P.?...

#### Inglesa

*NOVA e instruida para ensinar a sua lingua a dois cavalheiros. Carta ao n.º 658, Rossio, 42.*

Acho natural que para dar de lingua a dois cavalheiros a um tempo, seja necessária a instrução. Agora o que não compreendo é para que é preciso a juventude.

#### Tivoli 6.ª feira

*SENHORA que estava acompanhada com outra deseja escrever cavalheiro que estava na frente e que se retirou antes de terminar o filme. Carta á filial de Diario de Noticias. L. Trindade Coelho, 10, ao n.º 135.*

Ora aí temos um dos poucos homens, que em Portugal, não foi na fita até ao fim.

#### Sócio

*PRECISA-SE na provincia, qualquer negocio, tendo eu em Lisboa loja e depósito. Ele lá compra e eu cá vendo. Resposta Rossio, 42, ao n.º 437.*

Este arquiva-se apenas pela curiosidade e franqueza. O sócio da provincia esportulava os cobres. E o outro, lá em Lisboa, metia-os ao bôlso que era uma consolação.

#### Senhora

*PEDE pequeno emprestimo a pessoa de respeito, para pagar como se combinar. Carta a este jornal ao n.º 70.*

Este anúncio, não sei porquê, faz-me lembrar os maus pagadores, que depois de muitas envergonhadelas e mentiras, vêm a pagar a dívida com o corpo.

Agora do nosso Janeiro, dois recortes apenas.

#### Barbeiro,

*vindo de Paris, oferece-se com muita pratica de homens, e também tendo 2 anos de senhoras.*

*Escrever a Rogerio Ferreira Belinha Lamas—Paços de Brandão.*

Aí temos nós um produto híbrido da civilização parisiense. Esta coisa de ter dois anos... e de senhora, deve ser arreliador.

#### Plácido Correia & C.<sup>ª</sup>

DECORADORES E ESTOFADORES

Rua do Almada, 385-1.º

*E' nesta acreditada casa onde são os preferidos moveis estofados (MAPLE), devido á sua bôa execução esmerada, unica officina onde a sua especialidade dos (MAPLES) são executados á vista dos seus clientes, assim como se confeccionam decorações de salas, transparentes em panos nacional e estrangeiro, aos preços sem intermediarios.*

E' o caso da gente mudar a residência para casa do Plácido quando mandar constuir um maple. Quanto aos preços sem intermediários, ou são elevadíssimos ou de graça.

E para finalizar damos à estampa, um prospecto anunciador duma casa de Lisboa. Este senhor S. M. Sereto, deve ser de Cacia, a avaliar pela perfeição da prosa e pelo burilado do verso. Falta apenas que o Pérola Verde lhe venha meter o nariz numa coisa e noutra.

## Ao Comercio e Industria Nacional

É preciso devastar a aglomeração da existencia retardada e mesmo depreciada ou amonada e sem adaptação ou aplicação.

A nossa casa a unica que lhe pode dum dia para o outro livralo desses monos retardados, remetendo-nos amostras gratis e designando por lista o que deseja liquidar ficando reservado para nós a comissão só que seja por indicação de 10 % quando negociadas as mercadorias e mais 5\$00 de anuncio nos jornaes.

É de grande vantagem esta minha iniciativa para as casas de muita precisão alem de ficar em segredo de momento o lutar sem capital e de se verem livres dos seus encargos.



*No canteiro havia uma flor  
Na sua epoca natural  
Mas com o tempo murchou  
Na primavera tornou a voltar*

*O' minha sorte tirana  
Na desgraçada imoral  
Nunca tive esperança  
E' sentir o teu penar*

*As brisas do Mondego  
A velhina adoração  
Tua alma envenenada  
Feriu o meu coração*

*As violetas de Parma  
Perfumarão minha dôr  
Que sempre maguaste  
Não entregares teu amor*

*Só na campã fria  
Ainda peço clemencia  
Bem sei que me não querias  
Foi obra da intrasigencia*

*Adeus brisas do Mondego  
Adeus violetas de Parma  
Na derradeira campã fria  
Perdôas ha minha alma*

O assunto, por mais sério que haja de parecer-te, caro leitor, é de um cómico irresistível. A guerra! A guerra! Parece realmente sério, mas não é.

Sabem os leitores que vão as coisas favoráveis a uma nova guerra, pelas informações diárias dos grandes jornais.

A Alemanha, sob o impulso de Hitler, retoma o seu ritmo prussiano.

Os nazis reconquistaram a Alemanha imperialista.

Estão à bica os Hoenzolern...

As últimas notícias da Alemanha são claras de mais. Ninguém deve ter dúvidas sobre o futuro da vitória hitleriana...

O Sr. Fernando de Sousa, escritor conservador, publicou há meses um artigo magistral no seu diário, glossando o tema do perigo do nacionalismo alemão...

Fêz autêntica profecia o cristianísimos fundibulário.

Ninguém reparou talvez nesse artigo.

Eu arqueei-o... pelo menos na memória.

Estão agora aí as notícias das agências telegráficas a demonstrar a clarividência do velho jornalista.

No entender insuspeito do jornalista, o exagêro nacionalista conduziria ao imperialismo, que haveria de desencadear uma nova guerra.

Vejam algumas notícias dos jornais desta semana:

«Por toda a parte flutuam bandeiras, grinaldas e pequenos estandartes com as côres do antigo Império e do emblema racista, bem como a bandeira da Prússia.

Nota-se grande número de oficiais que envergam os uniformes do antigo exército, com os capacetes em bico, ostentando samarras e medalhas, bem como destacamentos de polícias, que trazem os capacetes usados nas trincheiras».

Não é ainda a nova guerra!

Mas é sem dúvida a glorificação dos que fizeram a outra.

A alma alemã revive nos capacetes em bico.

Evidentemente tratar-se-ia de uma coisa profundamente seria que não

Fazer circular a MARIA RITA, mesmo dada ou emprestada, é contribuir para a sua expansão sempre :: :: :: em aumento :: :: ::

# DEUS E A ALEMANHA

poderia ser comentada nas páginas galhofeiras de MARIA RITA se não fôsse que no fundo há o seu quê de humorístico em toda esta tragédia.

Continuemos a recortar as notícias do nosso prezado colega *O Primeiro*

sendo admirável de pitoresco, fêz-me lembrar aquele célebre discurso do Kaizer aos polacos, nas vésperas da Grande Guerra.

E' sempre o mesmo espírito. Deus está sempre com os alemães!... Os

cimento. Este acontecimento era a decisão que eu tinha tomado de fazer a guerra à Rússia, de devolver à Polónia a sua religião e de anexá-la ao país de grande civilização, a Alemanha.

Tive um sonho maravilhoso: a Vir-

gem: Ela desembainhou a espada à Germânia para socorrer a Polónia».

Como os senhores vêem, em matéria humorística é do mais completo.

A Virgem, que as pobres Mães de joe-



A Alemanha à França — Passa-me o teu que eu te lançarei os meus obuses!...

de Janeiro. Referem-se à abertura do Reichstag, após a vitória de Hitler.

«Durante o serviço protestante, o presidente do Synodo, Debelius, pronunciou um sermão, cujo tema era: «Se Deus está connosco, quem pode ser contra nós?», lembrando que «há ainda milhares de alemães que estão inactivos perante a dominação estrangeira».

Esta frase — Deus está connosco,

alemães são tu cá, tu lá com o Supremo Arquitecto, quando se trate de pôr em prática um grande crime.

Arquivo nestas colunas o célebre discurso de Guilherme II, publicado ao tempo em um jornal russo:

«Polacos, lembrais-vos, sem dúvida, que uma noite os sinos do santo mosteiro de Siatogorski se puseram a badalar por si próprios e que todas as gentes piedosas compreenderam então que este milagre assinalava num grande aconte-

gem apareceu-me e ordenou-me que salvasse o seu santo convento que estava em perigo. Ela olhou-me com os olhos cheios de lágrimas e eu resolvi imediatamente executar a sua divina ordem. Tomai conta, polacos, e acolhei os meus soldados como irmãos e salvadores.

Sabei, polacos, que os que forem comigo serão largamente recompensados e os que forem contra mim padecerão.

Comigo marcham Deus e a Santa

Virgem!... Eu tive um sonho maravilhoso.

Depois a Virgem, de olhos cheios de lágrimas, disse ao Sr. Kaizer que fizesse a guerra para salvar a honra do convento... da Polónia!

E o Sr. Kaizer, olhos sanguirajados, fêz a guerra, em nome da Santa Virgem!

E' precisamente o mesmo espírito truão que em 1933 faz dizer ao presidente do Synodo, Debelius: «Se Deus está connosco, quem pode ser contra nós?»

Deus está com os alemães! O alemão é o povo eleito do Senhor!

E ainda há quem diga que a cerveja não embebeda tanto como o vinho!

Ah! não virá longe o dia em que o Kaizer, esgotando a última caneca de cerveja, veja novamente de lágrimas nos olhos a Santa Virgem!

Verá então o mundo as surpresas que a Mãe do Nazareno, toda Amor e Bondade, desencadeará em chuva torrencial!

Mas os jornais continuam:

«Após o ofício, Hindemburgo percorreu Potsdam de automóvel, passando em frente do moínho «Sans Souci» e penetrando na igreja da guarnição, acompanhado pelo ministro da Reichswehr, depois do que passou em revista a guarda de honra e os destacamentos da Schutzpolizei, e as secções das associações patrióticas, saudando os veteranos de 1870, postados perto da porta principal da igreja.»

E' perfeito e iniludível!

Hindemburgo, o marechal da guerra, passa revista às tropas e saúda os veteranos de 1870, postados perto da porta principal da igreja, ou seja ali à mão de semear de Deus Padre Todo-Poderoso!

O resto, que talvez já não seja humorístico, hão de os senhores sabê-lo pelos telegramas das agências.

Entretanto, a França e a Inglaterra vão tomando as suas precauções contra os milagres da Santa Virgem.

Octávio SÉRGIO.



## Papelaria MARIZ

53, Rua das Oliveiras, 55 — PORTO  
(Junto ao Teatro Carlos Alberto)

**Bons papeis de carta**, 50 folhas e envelopes, caixa a 2\$20, 2\$80, 3\$00, 3\$50, marca Tango a 4\$20, outros a 5\$00, linho finíssimo a 6\$50 e 8\$00. Papeis de fantasia, lindíssimos, desde 6\$50 a caixa.

**Cadernos para estudantes** da Universidade, Liceus e Institutos, em quarto, ótimo papel, de 20, 40, 80 e 100 folhas a \$50, 1\$00, 2\$00 e 2\$50, com lindas capas em côres.

Façam as suas compras, sem demora, que protegem os seus interesses.

# ✚ A Q U I J A Z

== Continuação do concurso da MARIA RITA == 50\$00 ao melhor epítáfio publicado ==

Amarrado a esta argola  
jaz um pobre... quadrúmano:  
Andou em *dois* por engano...  
— por avaria na *mola!*  
Um dia subiu-lhe à *tola*  
a *pecha* de escreverhar!...  
E então Deus, p'ró castigar,  
— ao *Damião*—, por partida,  
obrigou-o, tôda a vida,  
a trazer... as *mãos* no ar.

(Aveiro).

Remetente: **Cuca.**

Jaz aqui João Crispim;  
Entrar no céu não consegue,  
Pois S. Pedro, e S. Joaquim,  
E até mesmo um Serafim  
O mandaram, em latim  
Para o diabo que o carregue.

Remetente: **Reirobl.**

A' sombra desta masmorra  
está *Damião Pá...* *Pirua*,  
que larga pela *comua*  
calinada à-*tripa-forra!*...  
Calino, ao pé dêle, é... borra  
p'ra os tais *Ecos de Cacia!*...  
E aqui jaz, em campa fria,  
feito em papas... de farelo!  
— Por alma dêste camelo:  
— Padre nosso, *Avé Maria*.

(Aveiro).

Remetente: **Cuca.**

Aqui jaz o Zé João  
Que foi o rei do pifão.

Este herói da bebedeira  
Morreu com um grão na asa  
Quando trepava a ladeira  
Que ia dar a sua casa.

Pedi p'ra que no caixão  
Como última vontade  
Metessem um garrafão  
P'ra não sentir saúde.

Remetente: **Zé Pato.**

Jaz aqui o Baltasar  
Que foi grande ciclista  
E que numa tarde d'azar  
Morreu atrás d'uma pista.

Remetente: **Amarantino.**

Neste campo abandonado  
Repousa o João Cordeiro,  
Que, quando morreu, coitado,  
Há muito que era carneiro...

Remetente: **Lérias.**

Neste lugar solitário,  
Onde a vide não deu uva,  
Jaz o Zé Apolinário,  
Que morreu a pedir chuva.

Remetente: **Zé Barão.**

Aqui jaz o Zé Baguinho,  
Que teve morte catita:  
Quando trasfegava o vinho,  
Caíu dentro duma pipa.

Remetente: **Zé Barão.**

Aqui jaz o Joaquim Logra,  
Genro da Zefa Pedrosa;  
Por trincar a língua à sogra,  
Teve uma morte afrontosa.

Remetente: **Zé Barão.**

Dorme aqui, sem resonar,  
Coberta de escura terra,  
A espôsa dum "Baltasar"  
Miquelina Rosa Guerra  
Por si muita gente encerra  
Saúdades, sem iguais  
Foi para o céu dos pardais,  
A sua alma abençoada,  
E jaz aqui sepultada...  
A cabeça e tudo mais.

Remetente: **Onaicit.**

Velha sogra corcovada  
Ao pêso de cem invernos  
Morreu e foi condenada  
A's profundas dos infernos.

Julgais, porém, que a afligiu  
Ver ao demo a negra gueia?  
Satanaz é que fugiu  
Com mêdo das fúrias d'ela.

Remetente: **Zé Pato.**

Aqui jaz o vidraceiro  
Francisco Nunes Isidro  
Artista tão verdadeiro  
Que tinha os olhos de vidro.

Remetente: **Mário Soares.**

Aqui jaz o sapateiro  
José António da Mota  
Era um mestre verdadeiro  
Que só ao morrer deu bota.

Remetente: **Fantasma Negro.**

Aqui jaz o tal *Ecos de Cacia*  
Nesta fria e tão pobre sepultura!...  
'Scapava da doença que sofria  
Se não fôsse vitimado p'la cura.

Remetente: **Zeca Sant'Ana.**

Aqui jaz Raul Soeiro,  
Escritor muito afamado...  
Assassinou a gramática,  
Mas também morreu, coitado!

Remetente: **Adriano X. Nel.**

Aqui jaz a minha sogra  
Que dorme o sono eterno  
Oxalá a alma d'ela  
Vá direita p'ra o inferno.

Remetente: **Monteiro II.**

Continua.

## Restaurante Portuense

(ANTIGO PINTO)

DE MESSIAS DE ALMEIDA

Rua de Entreparedes, 11 - PORTO

Almoços com vinho . . . . . 9\$00

Jantares com vinho . . . . . 10\$00

Diárias com quarto desde . . . . . 18\$00



# FOLHAS DE ALFACE

## CARTAS DA CAPITAL

Minha querida MARIA RITA:

Tem havido mosquitos por cordas no campo da arqueologia naval: (para me servir de uma expressão errada em tudo, e a começar pelo campo, de duvidosa navegabilidade...)

O Comandante Quirino da Fonseca, (talvez reanimado por ver o fim que levou o Sr. General Vicente de Freitas) foi aos Altos Estudos, — assim chamados por serem feitos na Academia, em cima de um estrado, e junto de um alto-falante. Ai, com o seu reconhecido valor, (bem sabes que isto não é ironia) falou acerca do formato e velame dos barcos dos nossos navegadores. Em resumo, afirmou que estes voltavam da costa de Africa a bordejar contra o vento norte, em navegação costeira, usando para isso velas como as dos caiques. Esta história das velas arreliou imenso duas pessoas: — o Sr. Alfredo da Silva, e o almirante Gago Coutinho. O primeiro, por ter certa asca a Bartolomeu Dias desde que se convenceu de que este não usava velas da União Fabril; — o segundo, por entender, e bem, que as afirmações do Comandante Quirino davam um quinau, — ou um quirinau — no valor científico dos nossos Descobrimientos. O Sr. Alfredo da Silva, que eu saiba, não se pronunciou. Mas o Almirante Gago Coutinho, com aquela clara e desempoeirada mocidade que o caracteriza, veio galhardamente à estacada.

Realmente, não se compreende que em navegação ao longo da costa de Africa descobrissem os portugueses tôdas as ilhas que descobriram em pleno Atlântico, e que ninguém consegue ver de numerosas costas, nem mesmo por um óculo.

Em volta desta verdade essencial, os dois investigadores desfolham sãbiamente argumentos, investigam enxárcias, espolham velames, vasculham gáveas e gurupês, desfolhando furiosamente a Rosa dos Ventos, que nunca viu em tais assados a sua mansa integridade de flor.

Tôda a gente, — os sábios e os não sábios — está ao lado do Almirante Gago Coutinho, sentando praça nas suas caravelas e não se resignando a ir no bote do Comandante Quirino da Fonseca.

Pela minha parte já uma vez fui num caique visitar o Bugio; — e posso jurar que chamei tanto pelo Gregório, que não acredito que ele esteja à vista da costa de Africa, nem de costa nenhuma; — porque se estivesse, tinha-me ouvido.

Outro que anda na berra é o nosso épico. O Dr. José Maria Rodrigues, com a elegante Lugar-tenência de Afonso Lopes Vieira, não desistiu de impor ao século XX os amores mais

ou menos platónicos de Camões com a Infanta D. Maria. Mas o Dr. Alfredo Pimenta, monárquico ferrenho que não quer brincadeiras com Infantas, e o Sr. Alexandre do Amaral e o Dr. Ricardo Jorge, republicanos que não querem ver o épico atalassado nas suas preferências sentimentais, — berram e bufam e barafustam, que não e que não e que não.

Eu estou longe, muito longe, de ser um sábio.

Creio que de ambos os lados há fortes argumentos, — e desconfio muito, confesso, destas descobertas a distância. E' talvez fácil, — embora deva ser uma estopada — desenterrar no Vale dos Reis a chucha da 4.ª filha de Ramsés II, ou uma fraldinha mumificada de Cleopatra, ou qualquer outro artefacto de antanho, — que tenha escrito ao lado em pedra imutável e hieroglifo venerável, a indicação certa do Pharaó a que pertencia. Muito mais difícil me parece, — e não muito mais útil... — desenterrar do pó de séculos uma paixão em que ninguém falou nunca, e afirmá-la e firmá-la como dogma definitivo. Eu já ouvi dizer que a alma minha gentil, que se partiu, era uma preta; tenho eu próprio o raríssimo volume das endeixas à Bárbara Escrava; e não há muito li, algures, que Camões andara perdidinho por uma chinesa. Simplesmente, a sua sublimidade como poeta é tamanha, — que não pode ganhar, nem pode perder, com a cor e feição da musa ou musas que lhe atribuirem.

Parece-me pois estéril a discussão.

Mas gosto, gosto muito, destes sanhudos prélios de eruditos, em que o chanfalho da objurgatória é doutamente brunido em vernáculo; em que há, no degladiar de senhores com chapéu de côco e jaquetão, um fero tinar de armaduras, uma alta chiadeira de elmos emplumados.

A's chufas e piadas das nossas democráticas polémicas, dão-lhes saltos altos, espartilham-nas em erudição; talham em vetustas fôlhas de incunábulo as suas vestimentas; polvilham até de latim a sua face agarotada. Mas a gente vê-as, e reconhece-as; e elas, a-pesar-de convertidas em «Damas gentis da Corte Inglesa» — sempre que podem piscam-nos o olho, e ficam, assim, mais deliciosamente camoneanas...

Eia, sus! A'vante! A'vante, nobres cavaleiros de Camões!

«A Pátria honrai, que a Pátria vos contempla...» a-pesar-de uns para os outros não terdes contemplanções.

Muitas saúdaes do

Tomaz Ribeiro COLAÇO.

MARIA RITA é o jornal humorístico  
: : : : de maior expansão : : : :

## Aclaração absolutamente necessária

A redacção da MARIA RITA, em face de diversos enganos ultimamente havidos, vê-se na dura necessidade de declarar o seguinte:

1.º — Que a Família Campos Monteiro, é composta, como a Santíssima Trindade, de três pessoas distintas: o pai, o filho, e o Espírito Santo.

2.º — Que o pai, é o que usa barbas e o pseudónimo de Marcial Jordão.

3.º — Que o filho n.º 1 é o Doutor Knox de saúdosa memória nas nossas colunas, e só usa, como o pai, um nariz de palmo e meio.

3.º — Que o Espírito Santo, é o outro filho, o Zé d'Artimanha, que não tem nada de doutor, e é o nosso director mais assíduo e quasi o mais careca.

4.º — Que todos êles, independentemente, escrevem coisas, e são responsáveis dos seus actos.

5.º — Que esta declaração é feita por expressa vontade dos legatários, que dentro em breve entregarão à posteridade três obras distintíssimas, e a saber:

*Campos Monteiro, pai* — O Raio Verde.

*Campos Monteiro, filho* — Céus de Fogo (Romance africano e empolgantíssimo).

*José d'Artimanha* — Um ar da minha graça.

## Décimas... dentro do praso

### Raposas... aos domicílios

Segundo vem nas gazetas,  
Do Zoológico Jardim  
Uma raposa ruim  
Passou, ligeira, as palhetas.  
Engatilhando escopêtas,  
O pessoal, em charola,  
Avançou todo, na cola  
Da raposa, que, a correr,  
Se foi, velhaca, acolher  
Em Sete Rios, numa escola!

O caso é p'ra ponderar,  
Pois parece sortilégio;  
Um tal bicho num colégio,  
Deve trazer grande azar.  
Pode, com gana, estudar  
O aluno, velho ou calouro,  
Que jamais consegue o louro  
A coroar-lhe o touço!  
Oh, rapazes, olhem que isso  
E' sinal de mau agouro!...

BISNAU.

ÓRGÃO OFICIAL DOS MENTIROÇOS NATOS OU DE CONDIÇÃO

Boatos, Petas, Palões, Balelas, Coisas de arrepiar

Director por direito de conquista: **PARLAPATÃO SINCERO**Com direito de  
ir pró fundo

Como tóda a gente sabe, Portugal além de ter sido o berço de muitas coisas boas, como por exemplo das descobertas, das conquistas e da Beatriz Costa, foi também o berço pre-histórico da mentira, da balela, do palão e do boato. Poderão V. Ex.<sup>as</sup> objectar-me que estas coisas nasceram por geração espontânea, mas estou autorizado a declarar-lhes e a provar-lhes com documentos fidedignos que o berço do boato, etc., etc., foi esta bendita terra onde o *mentes tu* é um jôgo de tal predilecção que ainda hoje são encontradas muitas criaturas em casa do sr. Abade.

E' claro que a mentira, como o boato, a balela, são coisas que andam no ar. E daí a razão porque os guarda-fiscais não conseguiram detê-las nas fronteiras, e é por isso que nós presentimos hoje que êste modo de dizer é um mal universal.

Mente a Imprensa internacional quando fala da Rússia, do Hitler ou da China. Mentem os conferencistas de Genebra para encobrir a guerra. Mentem os brasileiros ao serviço das dívidas. Foi uma mentira a lei sêca, e é uma mentira o Azaña, o Desarmamento universal é uma ficção, e não passa de uma balela a fome do Gandhi.

Vêm portanto que o boato, essa belíssima arma que julgamos exclusivo da nossa terra, assentou arraiais em todo o mundo.

Já não estranhareis, portanto, ao saberdes que a MARIA RITA criou êste suplemento com o utilíssimo fim de dar consistência lógica àquilo que anda no ar e que tanto pode ser um avião

com metralhadoras e gases asfixiantes, como gases apenas.

Aqui, arquivar-se-á tudo o que de bom houver em Portugal no que respeita a palão, e tudo o que vier do estrangeiro trazido pelos mentideiros diários.

E terminamos, pedindo a todos aqueles que as saibam das boas, o favor de as comunicarem para a nossa redacção.

Parlapatão SINCERO.

Do País**A Creche do Consórcio de Sardinhas**

*Matozinhos, 21*—O Consórcio Português das Sardinhas, no louvável intuito de empregar os braços caídos dos operários conserveiros de Matozinhos, actualmente na disponibilidade em virtude da sardinha se ter pôsto na defesa por uns tempos, e na alevantada ideia de fazer alguma coisa de útil, resolveu iniciar as obras da Creche para os filhos dos operários conserveiros.

Escolhido o local, um bellissimo areal orlado de pinheiros, logo de entrada deu trabalho a 800 operários, homens e mulheres que, entusiasmados, se atiraram ao trabalho afanosamente na alevantada ideia de pôr pedra sobre pedra.

Constou-nos, porém, que a promiscuidade de sexos deu em resultado que, além da casa da creche, já alguns casais foram achados a construir o próprio lar à sombra amiga dos pinheiros...

Receia-se fundamentadamente que se o Consórcio não mandar activar as obras, já a Creche não poderá valer aos primeiros rebentos conserveiros.—(H).

**Banhos de enxôfre**

*Vizela, 22*—Nestas saúdosas termas já começou o movimento. E' amanhã, se Deus quiser que os accionistas vão tomar um banho de assento... na sala das sessões e os directores do Estabelecimento um banho de suor. Asseguram-nos, porém, que no meio de tudo há quem lave daí as suas mãos. Os banhos de lodo e de lama já estão todos tomados para a época que se vai iniciar. A não ser que a *chuva volte a cair nos meados de Setembro, estragando desta forma os resultados da bilheteira*. Além da chuva, também o *Bento* pode causar estragos. E' quási isto que diz o relatório.

Custa a crer...

—Que o púlpito do Banco de Portugal não sirva nem para discursar, porque é impossível lá chegar-se.

—Que as covas do Pôrto vão ser cosidas com

os fechos das camisolas modernas. A D.<sup>ma</sup> edilidade resolveu assim um importantíssimo problema, porque desta forma quando quiser tornar a abri-las é só puxar pela pilâmbula. Ele até já há cova que abre e fecha sem avião!...

—Que os antigos candeeiros da Rua 31 de Janeiro foram aproveitados para periscópios dos nossos submarinos.

Do Estrangeiro**Inglaterra**

*Londres*—No país de Gales, durante a última nevada perderam-se na neve 80 crianças!...

Parece impossível que haja uma criada tão distraída!... A não ser que em casa tenham ficado pelo menos mais quarenta!...

**Espanha**

*Vigo*—E' formidável—caramba!—a procura de quartos em todos os hotéis, casas de pensão e casas particulares para o próximo Portugal-Espanha. Já não há nem um bilhar devoluto. Trabalha-se agora com todo o afam em conseguir mobilar os quartos de hora e as casas dos botões. Os quartos de sentinela são disputadíssimos. Baia! Uma enchente!...

A' última hora

Está provado que a conspiração descoberta contra o Bismarck moderno—*vulgo Hitler*—foi inspirada pelo sr. António Maria da Silva.

Anúncio

**PARTEIRA**—Se V. Ex.<sup>a</sup> deseja que a sua filha seja *miss* qualquer coisa quando chegar aos dezasseis anos, chame a parteira Maria da Conceição que é uma artista em tirar meninas bonitas.—*Rua da Bora Hora*.

**Livros sobre a Grande Guerra**  
**Os meandros do Bolchevismo**  
**Livros sobre a Rússia**  
(ANTIGA E MODERNA)

Peçam as edições à grande Livraria  
**A. FIGUEIRINHAS, Limitada**  
Rua das Oliveiras, 87—PORTO

## Quem é?

Brilhante colaborador  
Da nossa MARIA RITA  
Apresento hoje, ao leitor,  
De inesperada visita.

Vivendo na economia,  
A' despesa assim faz face:  
Não 'screve cartas à tia  
Senão em *Fôlhas d'Alface*.

Nunca foi irmão de leite;  
(Nisso não haja embaraço)  
Mas quem bem o «furo» espreite...  
Logó vê porque é *Colaço*.

(Gaia).

SEPOL.

## Anexim

A criada Felicidade  
—disse ao menino Alfredo  
quando eu fôr à cidade  
hei-de trazer-lhe um brinquedo.

Alfredinho ignorante  
—pois tinha apenas dez anos  
foi a correr num instante  
contar o caso aos manos.

Como era de esperar  
logo os manos do Alfredo  
começaram a berrar:  
—Também queremos um brinquedo.

—Já não lhe dou o brinquedo  
e não tem por que se queixe  
ouça menino Alfredo

## MONTEIRO II

Decifrações do número anterior — *Quem é?*  
Amélia Rey Colaço; *Anexim* «Há mais Marias na terra».

*Matadores*: Rei Louro, Zê Barão, Monteiro II,  
Francisco José Rodrigues, Fantasma Negro, Tom  
Mix, Maria José, Jaime Vieira Dias, Manuel Alves  
Duarte, Constantino Sousa Gomes, Jaime Pom-  
beiro de Sousa, Rei do Orco, Pirilau.

As soluções desta secção tem de ser entre-  
gues na nossa redacção até às dezóito horas  
da terça-feira seguinte.

## Colega MARIA RITA:

No último Domingo passaram, nas  
telas dos cinemas, os filmes «Pamplinas  
Milionário» e «Harold Encravado».  
Dois artistas da tela em situações dife-  
rentes, e que me conste, amigo Pampli-  
nas ajudou Harold a tirar-se do encra-  
vanço.

É o que se chama falta de cama-  
ra... dagem!

Também no passado Domingo tive-  
mos o desafio de *foot-ball* União-Nacio-  
nal. Como nesse dia se realizassem elei-  
ções, houve logo quem dissesse que a  
União-Nacional não se poderia agüen-  
tar pois eram de mais dois desafios no  
mesmo dia!...

Dizem os jornais que em Nantes,  
um cidadão de nome Francisco Condzay  
enguliu uma raspadeira, um espelho pé-  
queno, três furadores de livros, dois pa-  
cotes de agulhas, um tinteiro etc., etc....  
E não apanhou uma indigestão! Já é  
ter estômago!!

Dizem ainda os jornais que em Buda-  
pest, uma rapariga apresentou queixa  
aos tribunais contra dois mancebos,  
acusando cada um deles de ser pai de  
um dos dois filhos gémeos que deu à luz.

Eis o que se chama um caso intrin-  
cado! Qual será o pai do filho N.º 1 e  
qual será o pai do filho N.º 2?... Por  
êste andar ainda chegamos a tempos  
de haver mais de um pai para um só  
filho!

Na ilha de Hight existe uma cidade  
de 5.300 habitantes que se conduzem  
de tal maneira que foi suprimida, por  
desnecessária, a polícia.

É o que se chama o Paraíso! vé-se  
bem que ainda não chegou lá a mania  
das camisas de côr!

Luzia é uma rapariga moderna que  
adora a liberdade. Tem uns olhos mali-  
ciosos, um sorriso malicioso, um corpo

malicioso. Vai ao chá das cinco. Adora  
as corridas de cavalos, joga o tenis e  
vai passar o verão aos Estoris.

Luzia veste exageradamente. Anda  
sempre só. Pinta-se.

Luzia é, enfim, uma fôlha de papel  
de 25 linhas (Luzia tem 25 anos) cheia  
de frases picantes.

Conheci Luzia no liceu. Estavam  
então em moda os filmes em séries.  
O cinema italiano invadia o mundo,  
invadia os cinemas do mundo.

Certa vez, Luzia, confessou-me que  
amava Alberto Collo. Eu era já nessa  
altura um entusiasta do cinema. Falei-  
-lhe da minha admiração por Itália  
Almirante e da minha simpatia por  
Bertini. Ficamos amigos e passamos a  
ser companheiros inseparáveis. Um dia,  
Luzia desapareceu. Esperei oito, dez,  
quinze dias e Luzia não voltou. Tinha-se,  
por certo, aborrecido do liceu.

Há dias encontrei Luzia. Vinha irri-  
tada.

— Que tens, Luzia? — perguntei. E  
Luiza contou:

— Fui tomar chá. Sentei-me. Levava,  
por acaso, um vestido curto de passeio.  
Na minha frente estava um cavalheiro  
que não tirava os olhos dos meus joel-  
hos.

Cruzei as pernas, descruzei-as e  
mudei de mesa. O olhar do cavalheiro  
perseguiu-me sempre. Levantei-me, fui  
junto dele e disse-lhe irritada:

— O senhor não é um *gentleman!*  
O senhor não é um homem...

E o cavalheiro em questão, entre  
sorridente e malicioso, respondeu-me...  
Imagina lá!

— ?!!  
— Que eu o não era também...

Ah! esquecia-me dizer-te que nesse  
dia não levava calças...

Já chegaram os camiões de som para  
a Tobis. Vai por aí uma alegria doida.  
Agora sim! Vamos ter fadinho a tôdas  
as horas...

Severas a bailar com as Marias do  
Mar numa «Aldeia de Roupa Branca».  
Agora sim!

O Leitão de Barros *arma* a realiza-  
dor da U. F. A. e a papá das «Púpi-  
las do Senhor Reitor». O pior é que isto  
não passa duma tremendíssima... Ufa...

Abraça-te o

MIL REIS.

Para  
Pintar  
aredes

Use

**MURALINE**

uma tinta que se

prepara em  
seca em 10  
d u r a 10 minutos  
horas  
anos

RUA DO ALMADA, 30-I.º — Tel. 2571

# Aquilo que nós sabemos

## Grande Concurso Poético da MARIA RITA

Em virtude do extraordinário sucesso obtido pelo mote da semana passada, hoje glosado, somos obrigados a publicar no próximo número as restantes quadras do mesmo mote, e a classificação respectiva

Aproveitamos o ensejo para rogar aos nossos queridos colaboradores, o favor de não enviarem mais do que uma glosa, pois de contrário ver-nos-emos forçadas a encher toda a MARIA RITA com quadras.

A MARIA RITA é uma  
que nas faces coisas pôs;  
é mais feia, mas em suma,  
não se vê c'o pó d'arroz.

Maberca.

A beleza divinal  
Da mulher de «Estremoz»  
Vê-se ali ao natural  
Não se vê c'o pó d'arroz.

José R. Viana.

Dei-lhe um beijo e mais além,  
Dei-lhe dois e não se opôs,  
A cara d'ela, porém  
Não se vê c'o pó d'arroz.

Rei Louro.

Tens um olho remelado  
E às vezes também tem voz.  
Esteja aberto ou fechado  
Não se vê c'o pó d'arroz.

A.

A's damas, na barbearia,  
Não as rapam como a nós  
Que o musgo da fronteira  
Não se vê c'o pó d'arroz.

Alvecos.

Nas ventás tens um repólho  
«Eu não sei quem o lá pôs»  
Se quiseres piscar o olho  
Não se vê c'o pó d'arroz.

Al-Ber.

Apanhaste uma chapada  
Dêsse teu cruel algoz  
Mas tua face marcada  
Não se vê c'o pó d'arroz.

Julifer.

Grande crime foi o meu,  
E juraste que era algoz...  
E afinal o corpo teu  
Não se vê c'o pó d'arroz.

Pedro de Bourbon.

Ficou um sinal no rosto  
Que o primo Zeca lhe pôs,  
E pergunta com desgosto  
Não se vê c'o pó d'arroz?

Reirobi.

Que bonita que tu vens,  
Que jamais alguém supôs  
Que a verruga que tu tens  
Não se vê c'o pó d'arroz.

Monteiro II.

A marca d'aquela beijo  
Que éle em meu rosto depôs  
Como era meu desejo  
Não se vê c'o pó d'arroz.

Maria José.

Tu eras das mais corada  
Mas quem foi que assim te pôs  
A tua face rosada  
Não se vê c'o pó d'arroz.

Fantasma Negro.

Hoje estás muito mais linda!  
Não sei quem assim te pôs?...  
Falta descobrir, o que ainda  
Não se vê c'o pó d'arroz.

Francisco José Rodrigues.

Teve a Beldade um mau gósto  
Mostrando o rosto com pôs...  
Seu lindo sinal do rosto,  
Não se vê c'o pó d'arroz!...

Alfredo Cunha (Raza).

Não cores, por me bejares,  
Que fica tudo entre nós.  
Porém, se acaso cores,  
Não se vê c'o pó d'arroz.

(Santo Tirso).

Adriano X. Nel.

E' no rosto, meu amor,  
Que tens sofrimento atroz?!  
O sítio em que tens a dor  
Não se vê c'o pó d'arroz.

Só Darco.

«Tanto «rouge» no teu rosto!»  
— Assim disse o teu algoz —  
Mas se éle está bem pôsto  
Não se vê c'o pó d'arroz.

Henrique Cardoso.

A cara da minha amada  
E' horrível, mesmo atroz;  
Mas anda sempre caiada  
Não se vê c'o pó d'arroz.

Horácio Ferreira.

MARIA RITA é tão linda  
Que já mais alguém supôs!  
Mas essa beleza infanda  
Não se vê c'o pó d'arroz.

Mirando.

A minha criada agora  
Já não se lava; supôs  
Que o «surro», pela rua fora  
Não se vê c'o pó d'arroz.

Folhadela.

Um sinal tens sobre o peito  
Que a Natureza te pôs  
Mas esse lindo defeito  
Não se vê c'o pó d'arroz.

(Vila Real).

Nuno Grande.

Tens um pelinho atrevido  
Num lugar que alguém supôs,  
Mas anda sempre escondido:  
Não se vê c'o pó d'arroz.

(Vila Real).

Quim Grande.

Já roubei um beijo a mal  
Mas ela não se indispôs  
E pra mais sorte o sinal  
Não se vê c'o pó d'arroz.

Manel.

A Marquesa tem na face  
Uma facada, funda, atroz.  
Quere «tosca-la»? Não se mace!  
Não se vê c'o pó d'arroz.

Fradines.

Esse sinalzinho, Helena,  
Que a Natureza te pôs,  
E' bonito, mas, é pena,  
Não se vê c'o pó d'arroz.

Tripeiro (de gema).

Tens a cara lambuzada  
Quem foi que assim te pôs  
Mãã não fique escamada  
Não se vê c'o pó d'arroz.

Manuel Alves Duarte.

Ia bela, deu-me um beijo  
Muito triste éle o depôs  
Mas como é do meu desejo  
Não se vê c'o pó d'arroz.

Constantino Sousa Gomes.

Tenho a cara um pouco torta,  
Picada como uma noz,  
Mas meu noivo não o nota.  
Não se vê c'o pó d'arroz.

R. L.

Para eu cair na fita  
De casar, ela propôs...  
Não sei se é feia ou bonita,  
Não se vê c'o pó d'arroz...

(Barreiros).

Rutra Luar.

Se ela é branca ou é morena,  
Foi a cor que Deus lhe pôs;  
Tem um sinal a pequena...  
Não se vê c'o pó d'arroz.

Henrique Barbas.

Teu lindo rosto, lavado  
nunca foi... aqui pra nós;  
também, nem que ande borrado,  
não se vê c'o pó d'arroz...

Dalmerindo.

Do teu rosto a mocidade  
já lá vai, fugiu veloz;  
do que deixou, a verdade,  
não se vê c'o pó d'arroz.

Elma.

Da tua beleza rara  
De-certo ninguém supôs  
Que o de mau na tua cara  
Não se vê c'o pó d'arroz.

Amarantino.

A menina da Avenida  
A cicatriz nunca expôs  
Está, de-certo escondida  
Não se vê c'o pó d'arroz.

Ohtebasile.

P'las hexigas és picada  
E sofres desgosto atroz;  
Mas assim, bem maquiada,  
Não se vê c'o pó d'arroz.

Tónio.

Lindo rosto Deus dotou  
E cores formosas lhe pôs  
A lorpa, tanto pintou,  
Não se vê c'o pó d'arroz.

Horrível.

Nessa autêntica desgraça  
Quem foi que o teu rosto pôs?  
O seu frescor, sua graça  
Não se vê c'o pó d'arroz!

Busina.

Beatriz do meu coração,  
Quem nesse estado te pôs,  
Que o teu rico mexilhão  
Não se vê c'o pó d'arroz?!

Sepol.

O teu olhar feliz  
Que num instante se impôs  
Sendo tam lindo e matreiro  
Não se vê c'o pó d'arroz.

D. de F.

A cutis da minha amada,  
Que a drogaria compôs,  
Tam bonita, tam corada,  
Não se vê c'o pó d'arroz.

Delfim de Freitas.



## TRAGÉDIA INTER-REGIONAL

Peça... cortada de vários incidentes, em 1 acto-contínuo até ao fim, e várias cenas tristes — para rir

**PERSONAGENS:** As que estiverem dispostas a dizer as asneiras que o autor escreveu; entre outras figuram: D. Constância, D. Trancoso, o Senhor de Matozinhos, Castanheira de Pêra, a Ama Dora, os amigos: um de Peniche e outro das Caldas, e quem mais quiser entrar que a entrada é de graça e sem graça nenhuma.

*Cena: A sala dum castelo onde se acaba de realizar o casamento de D. Constância — filha do Castanheira de Pêra, por isso também conhecida pela Constância da Pêra — com o fidalgo de Matozinhos.*

### CENA I

(A Amadora e Constância, depois.)

**AMA DORA** (Uma que se cá não viesse não tinha perdido nada. E' a Ama Dora que amamentou D. Constância em pequena. Aparece muito chupada:)

Eu aviso vocalências que esta peça é toda ela a história das violências feitas a uma donzela...

**CONSTANCIA**, entrando a soluçar:

Eu não queria desposá-lo e obrigaram-me a isso.

**AMA DORA:**

Agora tem que gramá-lo... e não é p'ra que chore isso!

**CONSTANCIA**, já enxuta:

Mas D. Trancoso é que eu amo, só por êle é que eu anseio...

**AMA DORA**, atalhando:

Foi êle quem mandou o ramo e a carta que traz no seio?

**CONSTANCIA tira pelo decote do vestido uma carta:**

Sim, foi êle, podei-la ler.

(Enquanto a Ama Dora está sem saber se há de pegar na missiva, entram: o Senhor de Matozinhos acompanhado pela sua «guarda», os amigos de Peniche e o das Caldas. O das Caldas é um dos grandes, dos maiores amigos do Senhor de Matozinhos. Todos vêm a carta que D. Constância procura esconder.)

### CENA II

(As DUAS e os TRES que ainda não saíram.)

**O DE PENICHE:**

Olhe, senhor, uma carta...

**SENHOR DE MATOZINHOS, furioso:**

Senhora, deixai-me ver o que escondeis apressada...

(tira-lhe a carta, e vendo de quem ela é, avança indignado)

Oh! Inda é dêle, desgraçada...

(com mais indignação)

...e não há um raio que o parta, que o faça desapar'cer!

**O DAS CALDAS**, que nem por isso é lá muito teso e que não gosta de fitas... sonoras:  
Dominai-vos Matozinhos...

**O DE PENICHE:**

Castigai êsse tratante!

**SENHOR DE MATOZINHOS**, aos dois amigos:

Deixai-nos ficar sôzinhos já os chamo, é só um instante.

(Saem os dois; o das Caldas, porém, fica entalado entre uma porta ao fundo.)

**MATOZINHOS:**

Senhora vos juro e digo que o vou fazer às postas para seu justo castigo...

(Entram o das Caldas que já está a entrar demais com o outro:)

olhe que êle armado anda e veja lá se êle o manda com alguma perna às costas.

(Sai o Matozinhos para ir dar cabo do tal Trancoso que ainda cá não apareceu, nem aparecerá; porque parecendo que não, quem manda nesta gente toda, é o autor.)

### CENA III

(As amigas da noiva que estavam dan-dinhas para entrar, apanharam a porta aberta e instalaram-se rodeando a sua amiga. Já agora, para aproveitar, e não ter que abrir outra vez a porta, entra também o pai da noiva, o Castanheira de Pêra — não confundir com o outro, com o Castanheira de Pêra-Pão.)

**CASTANHEIRA DE PERA:**

Serás dêle, queiras ou não é teu pai que assim o quere ou não comes do meu pão...

**A AMA DORA**, que tem estado calada, agarra-se à Constância outra vez banhada em pranto:

E' sua filha, é mulher não lhe dê essa desgraça...

(Entra o de Peniche que deixa ficar a porta aberta.)

**O DE PENICHE** que estava a ouvir a conversa:

O senhor n'ô seja pêco, não a mate assim à fome; não lhe dê essa «carcassa» dê-lhe antes o «papo-sêco» que vai ver como ela o come!

### CENA IV

(Entradas, caídas, quedas, desmaios, mortes, etc.)

**O DAS CALDAS** entra a correr:

Grande desgraça aí vai!...

**CASTANHEIRA DE PERA**, cofiando o bigode:

O que foi que aconteceu?

**O DAS CALDAS:**

D. Matozinhos morreu, D. Trancoso o assassinou...

**CONSTANCIA**, vingativa:

Já estou vingada, meu pai!

(desmaia)

**CASTANHEIRA DE PERA:**

E D. Trancoso o que é feito?

**O DAS CALDAS:**

Inda um tiro lhe acertou, tem uma bala no peito.

(Sai)

**A AMA DORA**, parva e não percebendo que era o despecho natural:

Então morreram os dois?!

(Desmaia também)

(Nos desmaios é bom cairem com cuidado para se não maguarem.)

**O DE PENICHE** ao saber da morte de D. Trancoso de quem era amigo, puxa duma pistola ou duma metralhadora e dizendo o que se segue, dá meia dúzia de tiros no Castanheira.

Porque culpado vós sois; Castanheira, o seu castigo por ter perdido um amigo.

(O Castanheira fica estendido. O de Peniche que vai a fugir, choca com o das Caldas que vem a correr em sentido contrário, e cai também.)

**O DAS CALDAS** olhando para aquela gente toda estendida no chão, declama:

Tenho sujas minhas fraldas p'ra este sarilho e banzé. E só porque sou das Caldas é que ainda estou de pé!

(Por solidariedade com os que estão caídos, O Pano cai... desmaiado.)

Carlos ELMANO.

## CARTAZ DE HOJE

**Sá da Bandeira:** A farsa musicada *Menina Amélia*.

**Rivolt:** A fantasia cômica em 2 actos, *Las Faldas*.

**Olympia:** O filme dos «gangsters» *Scarface* (O homem da cicatriz).

**Trindade:** O grande sucesso de gargalhada, *Louco pelo cinema*.

**Batalha:** Os grandes filmes *O Rei dos Polícias* e *A procura de um milionário*.

# CONCURSO DUM BOM JANTAR

Com a cooperação gentil do antigo

## Restaurante Madrileno

DA RUA DE SAMPAIO BRUNO

### 4.<sup>a</sup> Série de 50 jantares

que serão sorteados pela lotaria do próximo sábado 25 do corrente. Esta diferença de uma semana foi necessária em virtude de reclamações recebidas da província onde há terras em que a MARIA RITA chega depois de se saber o número da sorte grande.

## PLANO DO CONCURSO

Todos os exemplares da MARIA RITA serão numerados em séries de 01 a 100, como se vê na senha abaixo.

O Portador do exemplar cuja senha tenha a numeração dos dois últimos algarismos do número da sorte grande de hoje, virá à nossa redacção e ser-lhe-á trocada essa senha por um cartão que dá direito a um esplêndido jantar que lhe será servido gratuitamente pelo antigo **RESTAURANTE MADRILENO**.

Além disso e para que facilitemos aos desprotegidos das loterias um bom jantar, igualmente será entregue um cartão idêntico ao portador de 10 senhas não premiadas.

Toda a gente pode, portanto, comer um esplêndido jantar, confeccionado por uma ementa deliciosa no grande e antigo

Concurso dum bom jantar

4.<sup>a</sup> Série Senha N.º .....

NOME .....

MORADA .....

## Restaurante Madrileno

na Rua de Sampaio Bruno

### A Adega Ideal do Lavrador

tem actualmente espalhadas no Pôrto, Foz, Matozinhos e Valadares-Gaia, 14 ADEGAS: R. do Bomjardim, 361-364 (Esq. da Trav. de Liceiras), Telef. 5617; R. das Fontainhas, 193-195; R. do Teatro S. João, 91 (Vulgo Cima de Vila); R. de Santa Catarina, 828 (Frente à R. G. Cristóvam), Telef. 5802; R. da Constituição, 1395; Av. Fernão de Magalhães, 53-55, Telef. 2484; L. Maternidade Júlio Denis, 1 e 2 (Vulgo Campo Pequeno); Trav. da Bainharia, 24-26 (Esq. da R. dos Mercadores), Telef. 905; R. Anselmo Braancamp, 633; L. de S. Pedro de Miragaia, 5 e 7. NA FOZ — R. Senhora da Luz, 238-242, Telef. 314 — Foz. EM MATOZINHOS — R. Conde S. Salvador, 71-73 (Esquina da Avenida Serpa Pinto, Telef. 275 — Matozinhos. EM VALADARES — R. da Estação.